



Instituto Superior de Economia e Gestão

UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA

DESDE 1911

MESTRADO

ECONOMIA INTERNACIONAL E ESTUDOS EUROPEUS

TRABALHO FINAL DE MESTRADO

DISSERTAÇÃO

CHINA: CÂMBIOS E ESTRATÉGIA

PEDRO MIGUEL RIBEIRO DOS REIS

SETEMBRO -2013

MESTRADO EM
ECONOMIA INTERNACIONAL E ESTUDOS EUROPEUS

TRABALHO FINAL DE MESTRADO

DISSERTAÇÃO

CHINA: CÂMBIOS E ESTRATÉGIA

PEDRO MIGUEL RIBEIRO DOS REIS

ORIENTAÇÃO:

PROFESSOR DOUTOR JOAQUIM ALEXANDRE DOS RAMOS SILVA

SETEMBRO-2013

Agradecimentos

"Ser homem é ser responsável. É sentir que colabora na construção do mundo."

Exupery (1995)

Não sendo este trabalho o final de um percurso, ele é sem dúvida o final de mais uma etapa. Seria incapaz de não dedicar parte das minhas palavras a exprimir a profunda gratidão a quem me ajudou a deixar este pequeno contributo, que espero, seja útil ao mundo.

Gostaria de agradecer em primeiro lugar à Academia da Força Aérea Portuguesa, Escola onde já fui aluno e professor, a possibilidade de, ao abrigo do protocolo com o Instituto Superior de Economia e Gestão (ISEG), me matricular no Mestrado em Economia Internacional e Estudos Europeus. Será sempre para mim uma casa à qual terei todo o prazer em regressar.

Agradeço também ao Professor Doutor Joaquim Ramos Silva a abertura e disponibilidade para aceitar este projeto, na qualidade de orientador. Não esqueço, das suas aulas e das nossas conversas, a importância que sempre deu à relação entre a economia e a estratégia.

A Sua Excelência, o Tenente-General, Piloto Aviador, Mora de Oliveira, pela simplicidade e entusiasmo com que aceitou ouvir-me, indicando-me quem me poderia ajudar a abordar o mundo da estratégia. Meu General, o meu obrigado.

Não posso esquecer também o Tenente-Coronel, Piloto Aviador, João Vicente, por me ter recebido no Instituto de Estudos Superiores Militares, durante uma manhã em que me facultou imenso material bibliográfico, me aconselhou acerca do modo como deveria abordar o trabalho e não esquecerei, sem dúvida, o equilíbrio que me aconselhou a ter para conseguir conciliar a execução de um trabalho de final de mestrado, com um curso de pilotagem. Sem a nossa conversa, este trabalho teria sido muito mais difícil. *Vontade de Ferro!*

O meu agradecimento à Capitã, Psicóloga, Cristina Fachada, por nunca ter deixado de ser a Comandante de Esquadrilha, estando sempre presente com boas ideias e conselhos sem nunca me deixar esquecer, durante um ano de travessia do deserto, deste meu objectivo. Obrigado pelo apoio.

À Helga, ao Daniel e ao Jorge, o meu obrigado pela vossa amizade, pelos grandes jantares e serões de muita diversão e sobretudo pela partilha de muitos momentos felizes.

Aos meus grandes amigos João Damas e João Tomás, porque há mais anos do que aqueles que me consigo lembrar, fazem parte da minha vida, completando-a com bons momentos de gargalhadas, de alegrias e outros de dificuldades e tristeza que sempre ultrapassámos. Espero que a nossa amizade nunca acabe. Ex-EVC!

Muito obrigado, Pai e Mãe, porque em todos estes anos foram fantásticos. Não tenho palavras suficientes para exprimir o que sinto por ambos. Não seria um ínfimo do que sou hoje se não tivesse sido por vós. Adoro-vos.

André, nem daqui a 30 anos vou conseguir olhar para ti sem ver o meu mano mais novo. Acho-te brilhante, genial. És o irmão que eu sempre quis ter e estarei sempre cá para ti. Obrigado por estares sempre lá para mim.

O meu último agradecimento vai para a minha namorada, a pessoa que mais sofreu com a minha opção de fazer o mestrado. Sandra, és única. Depois de todo este tempo, em que somei muitas horas de aulas por semana ao trabalho ou vim de Beja para ficar a trabalhar na tese e planear/estudar para os voos da semana seguinte, continuas a apoiar-me, incentivar-me e a ajudar a superar todas as minhas dificuldades. Nunca me largaste a mão, nem nos piores momentos. Amo-te.

Resumo

O conceito da "Guerra de Câmbios" tem suscitado grande discussão na comunidade internacional, com grande discordância acerca da linha de ação a tomar para corrigir uma situação que atrofia o crescimento e desenvolvimento económico em todo o planeta.

A China tem sido um dos maiores protagonistas da polémica em que esta "Guerra de Câmbios" está envolta, com os Estados Unidos a apresentarem-se como uma das principais vozes contra o baixo valor real da moeda chinesa.

A verdade é que a China injetou grandes quantidades de moeda na economia, através de agentes privados e expressou sempre uma vontade política de controlar a taxa de câmbio do *renminbi* em relação ao dólar norte-americano. Resta saber se existe ou existiu uma guerra de câmbios e que vantagens retirou a China desse evento.

À luz de autores como Clausewitz e Sun Tzu, verifica-se que apelidar a depreciação competitiva, Truman (2009), de guerra de câmbios é um abuso de linguagem grave, pela importância e seriedade inerentes a algo tão profundo como a guerra.

A chamada "Guerra de Câmbios" é, no fundo, uma técnica de guerra, inserida numa estratégia de guerra total. É aquilo a que se chama de *financial warfare*, Liang & Xiangsui (1999), um modo de fazer a guerra, utilizando um novo conceito de arma.

Com as sucessivas intervenções no mercado de câmbios, a China conseguiu criar uma relação de dependência entre si e os Estados Unidos, através da acumulação

de moeda e dívida norte-americana e tornando-se o principal fornecedor do estilo de vida americano.

A China definiu o seu caminho para a primeira linha do mapa geopolítico mundial e percorreu-o sem olhar para trás. Resta saber se e quando cortará a sua ligação aos Estados Unidos, para se assumir definitivamente como a maior potência mundial.

Abstract

CHINA:

CÂMBIOS E ESTRATÉGICA

Pedro Miguel Ribeiro dos Reis

Numa altura em que a Economia Mundial quer acelerar e o Mundo quer deixar para trás o pesadelo da recente crise económica, muitos apontam a China como o principal limitador desta recuperação, por via do baixo valor da sua moeda no mercado de câmbios. Os Estados Unidos da América têm sido a principal voz de discórdia contra a política cambial Chinesa, mas serão as suas motivações puramente económicas?

Com a realização deste trabalho, pretende-se averiguar quais as implicações, do ponto de vista económico e estratégico, para ambos os países, da polémica Política Cambial da China.

Para abordar esta problemática serão analisados o plano económico e estratégico, com a interceção de ambos a permitir concluir que tipo de mudanças esperar no mapa geopolítico mundial, tal como o conhecemos.

CHINA:

CURRENCY AND STRATEGY

Pedro Miguel Ribeiro dos Reis

The concept of "Currency War" has been in discussion in the international community, with great disagreement as to which course of action to take, to correct a situation that staggers the growth and economic development all over the planet.

China has been one of the bigger protagonists of the controversy, in which the "Currency War" is enveloped in, with the United States presenting themselves as one of the main voices against the low real value of Chinese currency.

The truth is, China injected large amounts of currency into the economy through private agents, and has always expressed the political intention of controlling the exchange rate between the Renminbi and the U.S. Dollar. What's left to know, is if there exists a "Currency War" and what benefits did China take from it.

In light of authors such as Clausewitz and Sun Tzu, we verify that naming competitive depreciation, Truman (2009), "Currency War" is a serious abuse of language, given the importance and serenity inherent to something so profound as war.

The so called "Currency War" is at heart a technique of war, inserted in a strategy of total war. It is what is called "financial warfare", Liang & Xiangsui (1999), a way to make war, using a new concept of weapon.

With successive interventions in the exchange market, China has been able to develop a relation of total dependency between itself and the United States, through accumulation of American currency and debt and by becoming the main provider of the American lifestyle.

China has defined its path to the front line of the geopolitical world map and has traversed it without looking back. What's left to know is if and when it will cut its ties to the United States and finally assume itself as the largest great power

Índice Geral

AGRADECIMENTOS	II
RESUMO	V
ABSTRACT	VII
ÍNDICE GERAL	X
CAPÍTULO 1. INTRODUÇÃO	1
1.1 INSPIRAÇÃO.....	3
1.2 ABORDAGEM TEÓRICA	5
CAPÍTULO 2. DA ECONOMIA	7
2.1 A ECONOMIA CHINESA: 1978-2013.....	8
2.2 POLÍTICA CAMBIAL	11
2.3 TROCAS COMERCIAIS CHINA/EUA.....	15
CAPÍTULO 3. DA ESTRATÉGIA	17
3.1 A GUERRA DOS CÂMBIOS.....	22
3.2 PODER NACIONAL ABRANGENTE	29
CAPÍTULO 4. CÂMBIOS E ESTRATÉGIA	31
CAPÍTULO 5. CONCLUSÕES	37
ANEXO 1	45

Capítulo 1. Introdução

"The truth is that many countries use currencies as a political weapon. That's a real danger, as it threatens the recovery of the global economy."

Strauss-Kahn (2010)

Poder!... Ao longo da História, quer na singularidade do indivíduo quer na imensidão de todas as nações, a Humanidade tem sido atraída pelo “Poder”.

No caminho para a obtenção de “Poder” a Raça Humana foi a extremos que nem mesmo ela consegue tolerar. A auto aniquilação e a destruição do planeta são dois dos horrorosos atos que já se registaram nesta busca.

A derradeira ferramenta criada para a obtenção de Poder é a Guerra e tem sido usada de diversas formas, em diversos momentos, deixando inúmeras marcas na História do Mundo e do Homem.

Algumas guerras são recentes, bem documentadas e foram pormenorizadamente estudadas, enquanto outras estão envoltas em mitos e lendas acerca dos quais apenas se pode especular.

Deste último grupo não faz certamente parte a "depreciação competitiva", Truman (2009), que se viria a tornar numa "Guerra de Câmbios", Mantega (2010), fazendo regredir alguns dos avanços conseguidos a nível mundial em termos de cooperação económica.

Este trabalho procura explorar tanto o plano estratégico, como o plano económico e é através da interceção dos dois que se procura perceber o papel da Política Cambial da China, na projeção deste país para a primeira linha do mapa geopolítico do século XXI.

1.1 Inspiração

"Clausewitz, On War, and Sun Tzu, Art of War (...) provide a general framework of how to win a war, the transfer of their knowledge to a different battleground in international trade and currency competition needs more computer power than I have in my head. If you know of any brilliant young people, let them know there is an intellectual void to fill."

Shaver (2011)

Ao longo da parte curricular do mestrado em Economia Internacional e Estudos Europeus a emergência económica da China foi abordada por diversas vezes, em diferentes unidades e sob várias perspetivas. Dessas abordagens surgiu um fascínio que, ao longo de três semestres, originou vários trabalhos de investigação sem, no entanto, satisfazer por completo a necessidade de aprofundar o conhecimento nesta área, tão viva e tão dinâmica.

Economistas e jornalistas escreveram centenas de artigos acerca da Política Cambial da China e de que modo esta afeta os mercados de câmbios no plano internacional, com especial enfoque nos Estados Unidos da América.

Apesar deste assunto ter atraído a atenção de grandes nomes, incluindo vencedores de prémios Nobel, como Paul Krugman, não há muitos autores que tenham discutido as implicações que esta política cambial tem, do ponto de vista estratégico.

No que respeita a esta matéria, muitas são ainda as questões por responder e outras tantas ainda por formular.

A resposta a todas estas perguntas não se encontra neste trabalho, mas há, na sua génese, a intenção de incitar a discussão, acerca da importância das ciências económicas nas estratégias nacionais das nações mais proeminentes do século XXI.

Perceber de que modo a China faz uso das suas políticas económicas, com especial foco na sua política cambial, para suportar a sua ascensão ao topo do grupo das nações mais poderosas do mundo, é a força que motivou todo o estudo e pesquisa para produzir este trabalho.

1.2 Abordagem Teórica

A versão atual deste trabalho é a segunda iteração de um documento final, que seguiu uma linha diferente de metodologia e que foi já na sua fase final repensado, desmontado, polido e reconstruído, dando origem ao texto intitulado “China: Câmbios e Estratégia. Porém, para que todo este processo de transformação fosse possível foi necessário redefinir uma metodologia e é essa que é aqui apresentada.

Na vida, a execução de qualquer tarefa, é tanto mais eficiente quanto melhor for plano para a pôr em prática e a construção deste trabalho escrito não fugiu à necessidade de definir e projetar uma série de etapas que permitiram alcançar a meta final.

A primeira dessas etapas foi uma ideia.

Uma formação militar e um gosto pela área da economia foram a gênese de um estudo que teve como objeto aquela que se apresenta como a grande potência do século XXI – a China.

Durante a fase curricular do mestrado, foram inúmeras as referências à política cambial da China e ao impacto que esta teve em todo o mundo. Com uma moeda bastante desvalorizada a China conseguiu impor-se economicamente e reclamar o seu espaço na economia mundial, mas não foram só estas alterações que aquele país sentiu.

No plano geoestratégico a China fez uso do seu peso e começou a assumir um papel de oposição aos Estados Unidos da América (EUA) no Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas ao mesmo tempo que intensificou a sua atividade

militar no Mar da China e expressou a vontade política de garantir a soberania sobre territórios que entende serem legitimamente seus, mas são disputados com outras potências locais.

É da interceção do plano económico, com o plano estratégico, que surge a ideia de produzir um trabalho que trate um tema que tantos autores debateram, mas numa perspetiva completamente diferente, procurando acrescentar valor ao debate e às considerações acerca da política chinesa.

Porém, se por um lado a distância entre os referidos planos serviu de motivação, foi essa mesma distância que criou dificuldades na ligação entre um e o outro.

Deste modo, para que fosse possível estabelecer uma ligação sólida, definiu-se que o estudo incidiria sobre o período de 1978 a 2013, estudaram-se as condições de partida da economia chinesa, deu-se especial atenção à sua política cambial e procurou-se perceber as interações comerciais com aquela que é a maior superpotência mundial, os EUA.

No capítulo seguinte, teceram-se algumas considerações sobre Estratégia, analisou-se o conceito de "Guerra de Câmbios" e procurou-se perceber de que modo a China se submete ao cálculo do seu poder nacional.

Com uma base teórica formulada foi então possível fazer convergir os dois conceitos, Economia e Estratégia, e verificar que tipo de conclusões podem ser retiradas deste estudo.

Capítulo 2. Da Economia

"Não é da bondade do homem do talho, do cervejeiro ou do padeiro que podemos esperar o nosso jantar, mas da consideração em que eles têm o seu próprio interesse"

Smith (1776)

Desde os primórdios que o dinheiro tem um papel essencial na economia. Com o seu aparecimento, os inconvenientes das trocas diretas foram atenuados, mas não suprimidos.

Se os nossos antepassados tinham dificuldades em efetuar câmbios, por não disporem do produto desejado pela outra parte, num mundo tão fragmentado como o nosso, corremos o risco de não ter a moeda certa para uma qualquer transação que queiramos efetuar.

O dinheiro, assume hoje em dia, um papel ainda mais preponderante nas nossas vidas do que simples facilitador de trocas comerciais. Ele é garante de segurança e conforto, símbolo de poder e conseguem-se descobrir ainda nos tempos que correm outros fins para a sua utilização.

Este capítulo define as principais características da economia chinesa, caracteriza a sua política cambial ao longo de um período de trinta anos e explora as alterações na relação e trocas comerciais com os EUA.

2.1 A Economia Chinesa: 1978-2013

Com a subida de Deng Xiaoping ao poder, a China iniciou uma nova fase da sua história, que ficou marcada por profundas alterações políticas e económicas. Para perceber o alcance das alterações levadas a cabo pelos líderes do Partido Comunista, ao longo de mais de trinta anos, é necessário atender a um conjunto de seis características estruturais e geoeconómicas da China da altura, como indicado por Ribeiro (2012):

a) O peso esmagador da população que vivia da agricultura e nas zonas rurais (mais de 2/3 da população) tornava obrigatório que qualquer reforma económica tivesse que envolver transformações neste setor; b) A concentração da população e das atividades económicas, quer ao longo de um extenso arco costeiro no Pacífico, quer em regiões de penetração interior ao longo de eixos fluviais de grande irrigação, oferecia uma enorme superfície potencial de contacto com o exterior; c) Uma grande homogeneidade étnica e cultural (se bem que com uma grande diversidade de tradições e características específicas regionais), que tornava possível que experiências de descentralização e de concorrência entre regiões não colocariam de imediato o risco de uma quebra de integridade territorial da China; d) Uma base de recursos energéticos e minerais limitada face à dimensão potencial da economia, se esta entrasse numa fase de

crescimento acelerado, que não apontava para a possibilidade de uma estratégia de crescimento baseada na exploração desses recursos e na sua transformação num vetor chave das exportações; e) Um complexo militar-industrial (associado a um setor de bens de equipamento) sob controlo central do Estado, altamente consumidor de recursos gerados e disponibilizados por outros setores da economia, mas protegido como instrumento básico para assegurar a capacidade estratégica de uma potência regional; f) A existência de uma diáspora chinesa no Extremo Oriente e em Estados ou territórios com uma maioria da população chinesa, que no seu conjunto constituíam, a seguir ao Japão, a segunda força económica da Ásia/Pacífico.

Estes seis fatores eram no início da década de oitenta e são ainda no século XXI fundamentais - a estrutura basilar da orientação económica da China - porque foram eles o ponto de partida que determinou o rumo do crescimento deste país e se analisarmos o presente, verifica-se que alguns ainda não estão plenamente explorados. Seguem-se dois exemplos da sua importância e pertinência atual.

A população rural chinesa tornou-se inferior a metade do valor total da população em 2011, de acordo com estimativas do Banco Mundial baseadas em dados das Nações Unidas e referidas por Johnson, Ian (2013) no New York Times, que alerta para a intenção do governo chinês transferir duzentos e cinquenta milhões de habitantes das zonas rurais para as zonas urbanas, durante os próximos anos,

umentando deste modo para cerca de setenta por cento o total de população urbana na China.

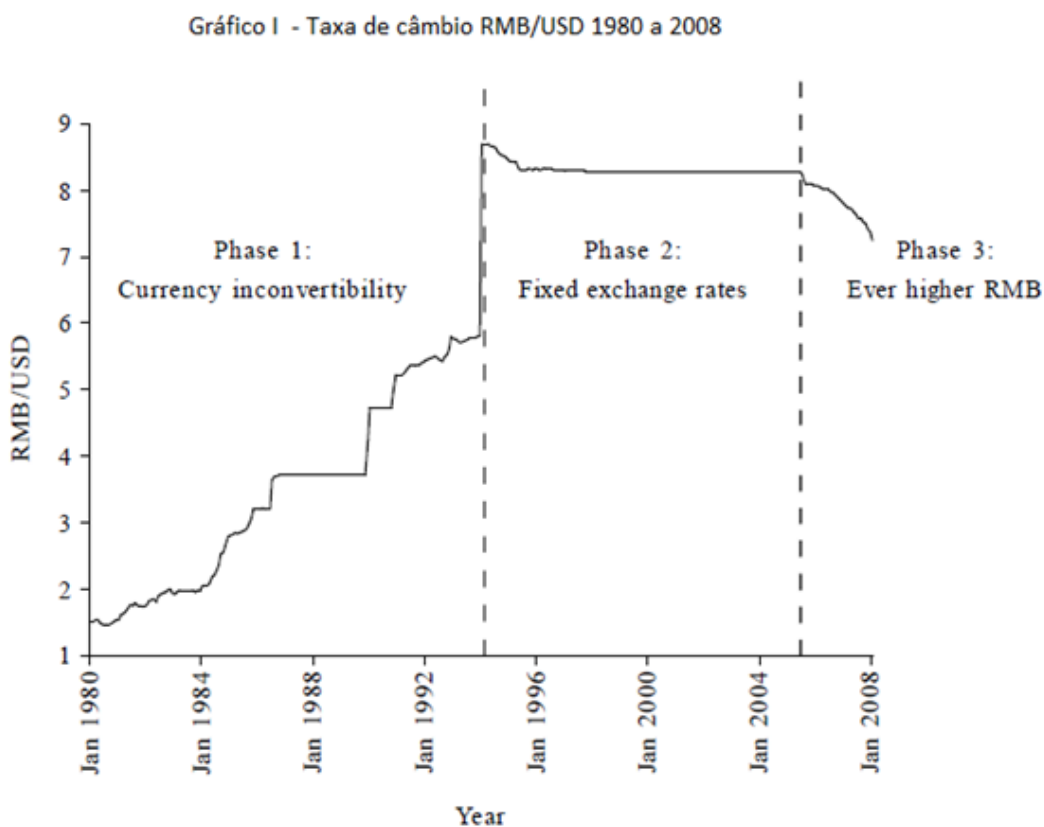
Se por um lado há uma inversão e uma tendência clara para que a população chinesa migre das zonas rurais para as zonas urbanas, por outro é de notar a importância que é dada, no presente, a este aspeto e a força que o governo chinês faz para acelerar a consecução deste objetivo.

Outro exemplo da importância das seis características mencionadas é a recente ativação do primeiro porta-aviões chinês, no início do ano, de origem soviética, adquirido à Ucrânia e a ainda mais recente resposta ao primeiro porta-aviões produzido pela Índia e ao navio de guerra japonês de transporte de helicópteros. A China tem em produção interna a sua segunda unidade desta classe de navios, o que revela bem a sua intenção de se manter como potência regional.

A economia chinesa no período 1978-2013 é caracterizada por seis pilares que foram tão importantes no início da década de oitenta, como o são também agora já em pleno século XXI e que sem a perceção da sua existência seria impossível compreender a finalidade da política cambial chinesa.

2.2 Política Cambial

A Política Cambial da China tem sido alvo de grande discussão tanto no plano político, como económico e originou no final da primeira década do século XXI o conceito de “Guerra de Câmbios”. Para perceber o impacto desta política é necessário ter presente, durante a análise que se segue, o Gráfico I.



Fonte: IMF: International Financial Statistics 2008

Sem entrar em grande detalhe no emprego de instrumentos económicos e das suas consequências é importante, que à partida se aceite que um país cuja moeda está depreciada em relação a outro, consegue por via desse desequilíbrio cambial, exportar para um parceiro comercial, produtos com baixo custo relativo nesse mercado, ao

mesmo tempo que coloca uma barreira às importações, uma vez que a sua população tem uma maior dificuldade em adquirir os produtos que são importados desse mesmo parceiro.

Com esta premissa, pode fazer-se uma análise do referido gráfico, começando por dividir o período de análise em três fases: fase de inconvertibilidade, 1980-1994; fase de taxas fixas, 1994-2005; e fase de renminbi crescente, 2005-presente.

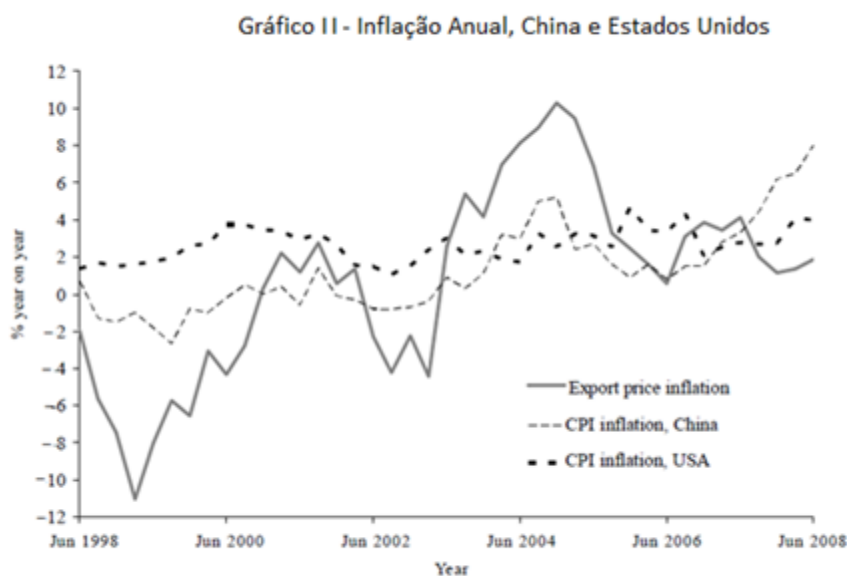
Na primeira fase a China decretou a inconvertibilidade do renminbi, ou seja, a incapacidade legal de trocar renminbi, por qualquer outra moeda e o efeito gerado por esta opção está patente no gráfico. Perante a incapacidade de trocar uma moeda por outras, os investidores atribuem-lhe um valor comercial, tanto menor quanto mais perdurar no tempo o período de inconvertibilidade, num *crawling peg*, que não se torna mais abrupto, uma vez que a troca de moeda, nestas circunstâncias é feita sobretudo em mercado paralelo. No caso particular da China, verificava-se a existência de uma taxa de câmbio oficial, mas esta não tinha grande significado para os investidores (McKinnon e Schnabl, 2009).

De 1987 a 1991, verifica-se que o valor da moeda estabiliza ligeiramente abaixo dos 4 RMB/USD, para ter uma acentuada desvalorização ainda antes de 1992 para um valor ligeiramente abaixo dos 5 RMB/USD e depreende-se daqui que o governo Chinês levou a cabo algumas intervenções no mercado cambial, de modo a perceber as consequências das ações que tomaria mais tarde a este respeito.

É numa segunda fase, com início em 1994, que a China decreta uma lei denominada *surrender requirement*, que consistia na obrigatoriedade da população e das empresas em realizar as suas trocas cambiais diretamente com o banco do estado,

ou seja, todos os dólares acumulados no interior do país, devem ser entregues ao banco central. Foi através desta medida que a China conseguiu manter uma paridade monetária do renminbi em relação ao dólar durante mais de 10 anos. Como foi referido no parágrafo anterior, o governo, através das suas agências oficiais, fixou o valor da moeda chinesa em 8,7 RMB/USD e esta estabilizou em 8,28 RMB/USD, como resultado do objetivo de unificar as inúmeras taxas que eram aplicadas à moeda, para além da do banco central, que tinha pouca importância, como mencionado anteriormente e satisfazer o artigo VIII do FMI, relativo à convertibilidade da balança corrente (McKinnon e Schnabl, 2009).

Foi neste intervalo de tempo que a China conseguiu de forma sustentada catalisar a sua economia, mas não sem graves consequências internas ao nível da inflação.



Fonte: Ecowin Database 2008

Em 2005, com as pressões dos EUA e com o aumento do volume de negócios da China com o exterior, surgem os primeiros sinais de valorização do renminbi, mantendo no entanto o gigante asiático um controlo rigoroso desta apreciação de modo a não desequilibrar a sua economia. A esta pode chamar-se a terceira fase da política cambial da China para o período compreendido entre 1980 e o presente.

2.3 Trocas Comerciais China/EUA

Quando se consideram as potências mundiais, a amostra não é grande, mas a referência aos EUA é incontornável, não fosse este o país que serve de referência e termo de comparação nas mais diversas áreas. Porque este é, também, um trabalho sobre a emergência da China como superpotência do mundo moderno, ainda no que diz respeito à economia, achou-se pertinente analisar alguns valores relativos às trocas comerciais levadas a cabo pelos dois países.

Para iniciar a análise é necessário perceber em que lugar figuram os Estados Unidos e a China, na lista de destinos de exportações um do outro. Deste modo, verifica-se pelos dados apresentados no Anexo 1, Tabela II, que no ano de 2011 o Canadá e o México eram os dois maiores destinos dos produtos produzidos em solo norte-americano, contribuindo para esse volume a proximidade geográfica, fatores históricos e culturais comuns e o *North American Free Trade Agreement* (NAFTA). Dos países que não apresentam fronteira direta com os Estados Unidos, aquele que surge em primeiro lugar, i.e. terceiro país para onde os EUA mais exporta, é a China, com um volume de exportações na ordem dos 103.9 mil milhões de dólares (\$ billion). Na ótica da China, como é visível na Tabela III, com dados referentes a 2011, os Estados Unidos são o maior destino de produtos exportados, com 325 mil milhões de dólares de volume total, de acordo com dados da Organização Mundial de Comércio (OMC). É de ressaltar neste ponto do trabalho, que a análise efetuada neste capítulo não considera a União Europeia como um único parceiro comercial, nem agrega à República Popular da China os valores respeitantes a Hong Kong.

Mudando o prisma de análise do objeto de estudo, surge a oportunidade de explorar os números referentes às importações das duas potências.

Fazendo referência à Tabela IV, verifica-se, que apesar de estar incluído no NAFTA, o poder da máquina produtiva Chinesa e a procura gerada por um mercado com grande apetite e altos níveis de consumismo são capazes de superar as barreiras aduaneiras, traduzindo-se num volume de bens importados pelos Estados Unidos da China em 2011, na ordem dos 417 mil milhões de dólares. Naturalmente e seguindo a lógica apontada para as exportações, seguem-se Canadá e México.

Para a China, as grandes fontes de importações são, como demonstrado na Tabela V, o Japão, a Coreia do Sul e Taiwan e só em quarto, com um volume de 123 mil milhões de dólares surge os Estados Unidos.

É com este quadro de interação comercial entre a China e os EUA, que se pode passar ao ponto seguinte e analisar um fator chave, que tornou estes fluxos de produtos possíveis.

Capítulo 3. Da Estratégia

"A guerra é uma questão de vital importância para o Estado; a província de vida ou morte(...). É obrigatório que seja minuciosamente estudada."

Sun Tzu tr. Griffith (2005)

A elaboração, implementação e execução de estratégias é um processo transversal às mais diversas atividades da nossa sociedade.

Da atividade militar à gestão empresarial, passando pelo desporto, são incontáveis as vezes que o termo estratégia é empregue. Ela é parte integrante e fundamental da atividade humana. Mas será que quando a invocamos o fazemos de forma correta?

Num trabalho que se propõe analisar na ótica da teoria estratégica, a política cambial de um país é imperativo aferir o que se entende por estratégia.

Sun Tzu, general chinês, escreveu em data incerta, por volta de 500 a.C., "Os Treze Capítulos" - um tratado sobre a guerra comumente conhecido como "A Arte da Guerra", que é, por si só, uma definição de estratégia e representa a habilidade de um general para conduzir a guerra. Toda a obra contém linhas e métodos, que na ótica de Sun Tzu são fundamentais para a consecução do objetivo da guerra, "*o caminho para a sobrevivência ou ruína*", Sun Tzu tr. Griffith (2005), e no ponto 15 do capítulo I afirma:

"Se for utilizado um general que considera a minha estratégia, vencerá certamente. Conservem-no! Quando é utilizado alguém que se recusa a ouvir a minha estratégia, será certamente derrotado. Despeçam-no!"

Sun Tzu tr. Griffith (2005)

Se Sun Tzu inicia o seu livro exacerbando a importância das forças armadas e do seu comandante na aplicação da estratégia, porque compreende que estas são o derradeiro garante de vitória numa guerra, não esqueceu, porém, a relevância de outras áreas.

"Sun Tzu estava consciente das implicações económicas da guerra. As suas referências aos preços inflacionados, taxas de desperdício, dificuldades de abastecimento e os inevitáveis fardos lançados sobre a população, mostram que reconhecia a importância destes fatores que até pouco tempo antes eram frequentemente negligenciados."

Griffith (2005)

Nesta passagem, Griffith, faz uma referência ao Capítulo II: Condução da Guerra do qual aqui se citam os pontos 11 e 12, respetivamente:

"Quando o país está empobrecido pelas operações militares, isso deve-se ao transporte distante; o transporte de provisões a grandes distâncias deixa o povo desprovido."

"Onde o exército se encontra, os preços são elevados; quando os preços sobem, a riqueza do povo esgota-se. Quando a riqueza se esgota os camponeses serão atormentados por exigências urgentes."

Sun Tzu tr. Griffith (2005)

A importância destas referências está nas pistas que elas fornecem acerca do entendimento que Sun Tzu tinha do que se denomina de "estratégia nacional" e se diferencia da "estratégia militar". Enquanto a segunda diz respeito, especificamente aos assuntos militares, a primeira engloba a totalidade da ação de um país com determinado propósito.

Se estes conceitos eram já para Sun Tzu parte integrante de outro superior, mas só mais tarde foram estudados e abordados de forma separada, não tendo ele o maior mérito na sua elaboração, o mesmo não se pode dizer do conceito de estratégia indireta.

O general chinês espelha nas suas palavras a crença de que "*subjugar o inimigo sem lutar é a capacidade suprema*", Sun Tzu tr. Griffith (2005), e acrescenta; "*assim, aqueles que são hábeis na guerra subjugam o exército inimigo sem combater.*" Para Sun Tzu, a genialidade do estrategista está em derrotar um oponente sem combatê-lo; este é o seu verdadeiro conceito de estratégia.

Se citar Sun Tzu é sinónimo de uma referência ao conceito de estratégia indireta, citar o General Carl Von Clausewitz, é fazer eco do conceito oposto - estratégia direta.

"Bom, os filantropos podem facilmente imaginar que há um método hábil para desarmar e vencer um inimigo sem causar grande derramamento de sangue e que é essa a tendência própria da arte da guerra. Por mais plausível que isso possa parecer, não deixa de ser um erro que tem de ser extirpado; porque em coisas tão perigosas como é a guerra, os erros que provêm de um espírito de benevolência são os piores."

Clausewitz (1997)

Para o General Von Clausewitz a estratégia tem um papel fundamental na condução da guerra. A sua importância é crucial para garantir a vitória sobre um inimigo e fazê-lo, recorrendo apenas a subterfúgios, é impensável.

Esta dicotomia do conceito de estratégia em nada o debilita e até suporta a ideia de que é possível ter sucesso, quer com uma abordagem direta quer com uma indireta, não obstante o fato de tanto uma como a outra terem vantagens e desvantagens.

Além de defender o conceito de estratégia direta, Clausewitz, providencia um esclarecimento a uma questão que muitas vezes se coloca e para a qual é frequente haver respostas erradas. Que tática e estratégia são conceitos diferentes é do senso comum, mas o mesmo já não se pode dizer dos seus significados. No seu livro, o general prussiano, define de forma objetiva os dois, definindo a tática como *"a teoria da utilização das forças militares em combate"* e estratégia *"a teoria da utilização dos combates para alcançar o objetivo da guerra"*, Clausewitz (1997), ou seja, se é da tática o emprego das forças para a obtenção da vitória em combate, cabe por sua vez, à

estratégia, a ligação entre combates para que se cumpram as linhas propostas para a guerra.

Até este ponto analisaram-se dois autores, procurando perceber o modo como encaram a estratégia e de que maneira defendem o emprego da mesma, para ganhar uma guerra. Esta análise baseou-se nas obras escritas pelos mesmos de acordo com as realidades que conheceram no seu tempo de vida, como pano de fundo.

3.1 A guerra dos câmbios

Sendo “Guerra” a palavra que identifica um dos mais contundentes instrumentos de “Poder” é frequente o emprego da mesma nos mais diversos contextos, podendo esta assumir sentidos mais restritos ou mais generalistas.

Quando vários autores definem uma série de eventos como uma “guerra de câmbios”, opinam acerca da mesma e debatem o tema, é inegável que essa “guerra de câmbios” ganha uma identidade e um espaço próprios no paradigma atual. Contudo, não podem esses autores esquecer, que a “Guerra” é, na sociedade moderna, um fenómeno de natureza militar com características muito próprias.

É olhando para essas características, que se obtém um entendimento do que é uma guerra de câmbios, i.e., perceber a extensão de um fenómeno de aparente origem económica, sem olvidar o ponto de vista da instituição militar.

Recorrendo aos ensinamentos de Clausewitz, patentes no brilhante legado que deixou ao mundo através das páginas compiladas no livro intitulado “Da Guerra” (*Vom Krieg*), é possível ter uma perceção do que é a “Guerra” aos olhos de alguém, que não só a lutou e estudou, mas também a viveu durante a maior parte dos seus anos de vida: “(...), a guerra é um ato de violência com que se pretende obrigar o nosso oponente a obedecer à nossa vontade.” Clausewitz (1997).

Esta é a primeira definição de guerra que Clausewitz apresenta no primeiro capítulo do seu livro.

Obrigar o oponente a obedecer à nossa vontade, explica o General Clausewitz é o objetivo último da guerra. Para aplicarmos uma submissão compulsória ao inimigo

"temos de o colocar numa situação que seja para ele mais opressiva do que o sacrifício que exigimos (...)" e adianta, que esta condição, tem que ser contínua e prolongada no tempo, sob pena de ter o efeito inverso.

Depois desta análise crua do que é a guerra, mais adiante, mas ainda no primeiro capítulo do seu livro Clausewitz produz aquela que é uma das suas mais conhecidas frases e que mostra um lado da guerra que não é imediato na primeira definição:

"A guerra é uma mera continuação, por outros meios, da política."

Clausewitz (1997)

Num trabalho com várias referências à Política Cambial da China esta é uma definição que, aparentemente, encaixa de modo fácil no raciocínio económico que foi desenvolvido. No entanto, Clausewitz, não passa da primeira definição apresentada para esta num único passo:

"A guerra não é um fim em si mesma."

Clausewitz (1997)

Como defende o general prussiano, ela não pode ser um objetivo da ação humana; nenhum ser humano pode compactuar com o exercício da violência gratuita sem qualquer consideração pela destruição que daí pode advir.

A guerra, não é mais do que o emprego de um instrumento da política, com vista à prossecução de um objetivo.

Porém, a natureza da guerra leva, também segundo Clausewitz, ao uso máximo da força. Se um emprega a força num determinado nível, o adversário responderá da mesma maneira e é nesta relação que a guerra se aproxima de "*...uma expressão de força perfeita, sem freio e absoluta...*", mas acrescenta; "*a guerra no mundo real (...) não é um coisa extrema que se esgote numa descarga única; é uma operação de poderes...*", Clausewitz (1997).

Afirma ainda: "*A Política, pois, está entrelaçada em toda a ação da guerra, e deve sobre ela exercer uma influência contínua, na medida em que a natureza das forças por ela libertada o permita.*", Clausewitz (1997)

O entendimento das definições selecionadas da obra "Da Guerra" e aqui apresentadas, por meio da relação entre ambas como princípio e fim de um raciocínio, sem deixarem de ser por si mesmas independentes e lógicas, providencia uma visão do que é na verdade a guerra aos olhos de quem a viveu.

Posto isto, pela sua gravidade e dimensão, características e implicações, pode afirmar-se, que os autores que defenderam a existência de uma guerra de câmbios, reduziram a guerra ao nível de um mecanismo de avaliação do valor da moeda. Alertaram o mundo para a existência de uma guerra sem perceber a disparidade entre a gravidade real e a da expectativa criada com os seus alertas.

Encerrar neste ponto a análise ao tema "Guerra de Câmbios", seria falacioso num trabalho desta ordem por duas razões:

- A primeira prende-se com a seriedade, profundidade e dimensão que um tema como a guerra tem. Esta não é uma discussão de semântica. Não se pretende identificar quais as melhores expressões ou palavras a empregar quando nos referimos à "guerra de câmbios".

Este trabalho foi desenvolvido com a convicção de que a guerra é mesmo, um tema que deve ser abordado com o maior sentido de responsabilidade e consciência.

- A segunda está relacionada com a fundamentação da investigação realizada. Não é aceitável, basear a argumentação apenas num autor, ainda que este seja considerado por muitos aquele que de melhor forma estudou e abordou a Teoria e Filosofia da Guerra, sem recorrer àquele que ideologicamente dele mais difere.

O general Erich Friedrich Wilhelm Ludendorff foi um militar alemão que lutou e comandou durante a Primeira Guerra Mundial e deixou ao mundo o seu conhecimento sobre a guerra e opôs-se a algumas das ideias do general Clausewitz.

A sua obra, "Guerra Total" (*Der Totale Krieg*), rompe com algumas ideias de Clausewitz, mas acrescenta também algumas ideias já exploradas por este último.

No artigo "The Idea of Total War: From Clausewitz to Ludendorff", de Jan Willem Honig, Professor do Department of War Studies no King's College London, lê-se:

"If the First World War held one lesson for the future, he argued, it was that "it no longer sufficed to arm the hand wielding the sword - [war] requires an arming to the core, to the innermost nerve."

Honig (2012)

Com esta ideia, Ludendorff defende que toda a nação deve ser envolvida no esforço de guerra. Não basta apenas o emprego das forças armadas; é também necessário preparar a população civil para a eventualidade do recurso às suas valências nesse esforço.

Para perceber a ideia de Guerra Total, proposta por Ludendorff, integrando experiências e conclusões adquiridas com a primeira Guerra do Golfo, recorreu-se àquele que é um dos documentos que levanta o véu sobre o nível de preparação e informação das forças armadas chinesas para fazer face aos desafios do século XXI.

O livro "*Unrestricted Warfare*", escrito por dois coronéis do Exército de Libertação Popular da China, de seu nome Qiao Liang e Wang Xiangsui, foi traduzido pelo Federal Bureau of Investigation dos Estados Unidos (FBI) e constrói com base na teoria de Ludendorff uma perspetiva da Guerra Total para os anos que hão de vir, sem cair no exacerbamento exagerado da violência, do general alemão.

A nota que o editor do FBI apresenta no início da sua publicação, contém a seguinte citação de Qiao Liang: "*the first rule of unrestricted warfare is that there are no rules, with nothing forbidden.*"

A leitura integral da obra mostrará que este é um trabalho temperado pela inteligência, na linha de Clausewitz que defendia que as consequências da guerra são atenuadas por ela.

"The development of the F-14 and F-15 in the 60s-70s cost one billion dollars, while the development of the B-2 in the 80s cost over \$10 billion, and the

development of the F-22 in the 90s has exceeded \$13 billion. Base on weight, the B-2, which runs \$13-\$15 billion each, is some three times more expensive than an equivalent weight of gold. Expensive weapons like that abound in the U.S. arsenal, such as the F-11A bomber, the F-22 main combat aircraft, and the Comanche helicopter gunship. The cost of these weapons exceeds or approaches \$100 million..."

Liang Qiao, Xiangsui Wang (1999)

O custo da guerra levou, como os dois autores chineses referem, ao aparecimento de novas armas. Estas *new concept weapons* não são mais que armas que vão para além do domínio militar, mas que podem continuar a ser utilizadas em operações de combate. Tudo no mundo, que beneficie o ser humano, pode também magoá-lo, ou seja, tudo se pode tornar uma arma.

Na procura de novas armas houve uma que se assumiu como o auge desta busca e se tornou um ponto de viragem - a bomba atómica.

Até à invenção da bomba atómica, a criação de novas armas tinha por base uma ânsia por meios de maior letalidade. A partir de então, esse desejo foi satisfeito e aliando a esse facto os desenvolvimentos tecnológicos, procuraram-se armas mais eficazes, mas também menos devastadoras.

Estas novas armas tornaram necessária uma evolução do conceito de guerra.

"When we suddenly realized that (...) non-war actions may be the new factors constituting future warfare, we have to come up with a new name for this new

form of war: Warfare which transcends all boundaries and limits, in short: unrestricted warfare."

Liang Qiao, Xiangsui Wang (1999)

E é aqui que se torna imperativo esclarecer o significado de "*warfare*".

Não existe em português um tradução direta para *warfare* e mesmo em inglês o seu significado confunde-se muitas vezes com o da própria guerra. Porém, a expressão que parece melhor explicar o significado desta palavra é "técnica de fazer a guerra" ou num sentido um pouco mais restrito "técnica de combate".

Com esta consciência é possível completar a resposta uma questão incontornável neste ponto: "Na ótica militar existe ou alguma vez existiu uma guerra de câmbios?"

Não existe, do ponto de vista militar, uma guerra de câmbios. O fenómeno assim denominado encaixa na designação "*financial warfare*", ou seja, uma técnica de fazer a guerra que integra e/ou pode integrar o conceito de Guerra Total.

3.2 Poder nacional abrangente

Ao longo da história que as nações têm tentado medir-se e comparar-se, mas a quantificação do poder de um país é uma matéria demasiado complexa para que se obtivesse um algoritmo de cálculo do mesmo, que pudesse perdurar no tempo e reunir um consenso na comunidade internacional.

Ray Cline foi, possivelmente, de entre todos os autores que abordaram esta temática, aquele que obteve mais concordância através da sua fórmula:

$$P = (C + E + M) \times (S + W)$$

Nesta fórmula P, representa o poder nacional, C é referente à população e território; E, ao poder económico; M, ao poder militar; S, à estratégia nacional e por fim; W, representa a vontade nacional.

Para Cline, o poder militar e o poder económico, representavam duas parcelas com o mesmo peso, que eram multiplicadas por uma vontade e estratégias nacionais.

Com a sua emergência no mundo a China procurou, como outras potências, perceber a sua posição no mundo, a posição dos seus aliados e a dos seus rivais e hoje podemos identificar duas entidades responsáveis pelo estudo desta matéria, a *Academy of Military Science (AMS)* e a *Chinese Academy of Social Sciences (CASS)*.

Para este trabalho e para dar um peso maior às fontes não militares, optou-se por analisar o método de índices da CASS, até porque é o que é mais conservador em relação ao crescimento da própria China.

National Power Factor	Weighted Coefficient
Total CNP	1.00
Natural resources	0.08
Economic activities capability	0.28
Foreign economic activities capability	0.13
Scientific and technological capability	0.15
Social development level	0.10
Military capability	0.10
Government regulation and control capability	0.08
Foreign affairs capability	0.08

Fonte: Gosh, Captain P. K. (2009) *The Chinese Concept of Comprehensive National Power: An Overview*, AIR POWER Journal Vol. 4

No. 4 WINTER 2009 (October-December)

Os coeficientes apresentados são os mesmos que são propostos pela CASS e pode reparar-se que as atividades económicas são as que mais peso têm no cálculo do poder nacional abrangente.

É fácil perceber que as transformações económicas na China, derivadas da sua política cambial, têm vindo a contribuir para um aumento constante do seu poder nacional, ao passo que as potências que sofrem os efeitos negativos da política chinesa vêm as suas economias mais fragilizadas e por consequência o poder nacional do seu estado mais diminuído.

Capítulo 4. Câmbios e Estratégia

Recuperando o conceito de “Guerra Total”, em particular o de “*financial warfare*”, percebe-se que a China pretende estabelecer-se como potência mundial de primeira linha, fazendo uso, não só, mas também, da sua política cambial.

Se se considerarem as consequências internas e externas da atuação da China no mercado cambial verifica-se a acumulação de reservas de grandes quantidades de dólares americanos (Anexo 1, Tabela VI), a acumulação de grandes somas de dívida norte-americana e uma balança comercial com um forte excedente suportado por exportações catalisadas por um baixo preço do *renminbi*.

No que diz respeito ao grande volume de exportações da China, há a dizer que despertou o resto do mundo para a grande capacidade produtiva do país. As empresas com unidades produtivas na China beneficiam da facilidade em colocar os seus produtos no mercado a preços mais baixos, fruto das várias vantagens comparativas e de uma mão-de-obra abundante e de baixo custo relativo Galito, Maria Sousa, Silva, Joaquim Ramos (2013).

Tanto para as empresas produtoras de bens intermédios, como as empresas produtoras de bens finais, pela proximidade de clientes e fornecedores, respetivamente, o gigante oriental tornou-se um destino apetecível para a deslocalização de fatores produtivos.

Durante as décadas de 80 e 90, a empresa de aviação norte-americana *McDonnell Douglas*, foi responsável por uma das maiores transferências de tecnologia dos Estados Unidos para a China.

Dos vários acordos assinados no âmbito da produção de aeronaves civis, destaca-se um que culminou em 1994 com a transferência de maquinaria, classificada como tecnologia militar sensível que se encontrava condicionada a uso civil apenas.

Esta tecnologia acabou por ser usada na produção de mísseis *Silkworm*, empregues em teatros, como a segunda Guerra do Golfo, por forças Iraquianas.

Ainda relativamente ao grande volume de exportações há a dizer que este tem um efeito perverso sobre as vidas dos norte-americanos. Considerando o tipo de produtos importados da China (Anexo 1, Tabela VII), que os consumidores dos Estados Unidos adquirem, verifica-se que são a base do chamado estilo de vida norte-americano.

Existe, neste momento, uma relação de dependência entre o nível de vida dos cidadãos americanos e o consumo de produtos chineses. Para se libertarem desta dependência teriam os Estados Unidos que encontrar, quem pudesse preencher este papel, fazendo-o a preços nunca superiores aos praticados, sob pena de, nesta tentativa, agravar mais a sua balança comercial.

Da acumulação de dívida e grande volume de reservas de moeda norte-americana há também fortes considerações, no plano estratégico, ao nível da ameaça que estas representam. A inclusão de referências ao armamento nuclear e à mudança, que a invenção da bomba atómica provocou na perceção do que é a ameaça, não

foram alheios de propósito e estão intimamente ligados a estas duas consequências da política cambial chinesa.

Considerando os mecanismos de manipulação do valor da moeda empregues pela China e revertendo o sentido de circulação das grandes quantidades de dólares americanos que este país acumulou, percebe-se que injetando essa massa monetária no mercado, a China tem capacidade para provocar uma depreciação do dólar.

A pergunta lógica que se segue seria, porque razão quererá a China reverter a situação que tanto se tem esforçado em manter?

Ora, com um aumento considerável de dólares a circular no mercado, a inflação dos Estados Unidos tenderia a aumentar, tornando muito difícil a continuação do seu atual modelo de consumo. As condições de vida nos Estados Unidos sofreriam uma deterioração e associadas a ela estariam todos os problemas sociais inerentes à redução do nível de vida numa sociedade.

Por outro lado, a colocação de dívida norte-americana no mercado, por parte da China, poderia provocar uma pressão sobre as taxas de juros exigidas aos Estados Unidos para aquisição da mesma e tudo isto numa altura em que a agência *Standard & Poor's* chegou a reduzir, pela primeira vez na história, a nota atribuída à dívida deste país.

Caminhando para uma situação semelhante à dos países do sul da Europa, resta saber como reagiria o governo norte-americano tanto à potencial situação económica, como à potencial situação social.

Há, no entanto, que ressaltar, que apesar de no *status quo* atual ser a China, quem tem a última palavra a dizer nestas matérias, os Estados Unidos não estão

completamente reféns da vontade política chinesa, ainda que estejam bastante comprometidos por esta.

Abona a favor dos Estados Unidos, o facto das grandes agências de *rating* mundiais serem todas norte-americanas e como tal sempre mais cautelosas nas análises que fazem à situação económica do seu próprio estado. Numa situação de degradação da qualidade da dívida norte-americana é possível retardar os efeitos negativos da mesma através da atuação das agências de *rating*.

Ainda no que diz respeito à dívida norte-americana Arthur Kroeber escreveu no artigo *China's Currency Policy Explained*, em 7 de Setembro de 2011, a seguinte ideia:

"Because China's central bank is the single biggest foreign holder of U.S. government debt, it is often said that China is "America's banker," and that if it wanted to, it could undermine the U.S. economy by selling all of its dollar holdings, thereby causing a collapse of the U.S. Dollar and perhaps the U.S. economy. These fears are misguided."

Kroeber (2011)

Para Kroeber, a China não controla uma quantidade suficiente de dívida norte-americana, para que esta linha de atuação tivesse um impacto significativo na economia. Não ignorando esta possibilidade, porque é impossível prever os efeitos reais de uma ação deste género por parte da China, mesmo que a análise de Kroeber se verificasse, há uma evidência crucial que ele próprio refere, mas falha em atribuir-lhe a

devida importância, como se explica nos parágrafos seguintes - "*These fears are misguided*", Kroeber (2011).

Recordando os traços gerais da estratégia indireta de Sun Tzu, o subterfúgio e a incerteza, permitem instigar o medo no adversário e derrotá-lo sem ter que o enfrentar. Ainda que este temor seja infundado ele é, só por si, uma forma de subterfúgio e gera grandes níveis de incerteza.

Naquilo que parece ser um paradoxo, temos outro contra-argumento a uma possível rotura comercial da China com os Estados Unidos, envolto também ele em grande incerteza.

Se a China optasse por tomar uma ação que degradasse a economia dos Estados-Unidos, estaria, no fundo, a ferir o garante do seu grande *superavit* comercial. O gigante asiático, ficaria incapaz de colocar os seus produtos no mercado norte-americano.

Para mitigar esta situação e não ficar refém de si própria a China teria que procurar outros mercados, nomeadamente, países emergentes, quer na América do Sul, quer em África, quer no Médio Oriente. Ressalva-se ainda que a China tem um mercado interno imenso e se houvesse um equilíbrio da sua balança comercial esse mercado teria condições para manter a economia chinesa viva.

Também a China, não ficou refém de si mesma; não se sabe é quando ou se alguma vez, abdicará da sua relação comercial com os Estados Unidos.

É possível estabelecer um paralelo entre a possível atuação sobre o valor do dólar e da dívida dos Estados Unidos por parte da China e as considerações feitas nos capítulos anteriores acerca do armamento nuclear.

A ameaça económica chinesa é real para os Estados Unidos América, e é a importância estratégica que esta ameaça assume que define o final da primeira década do século XXI. Porém, e contrariamente ao que acontece com a bomba atómica, a China não poderá fazer perdurar indefinidamente no tempo esta ameaça, pelo que outras terão que segui-la.

Por último, verifica-se que as consequências da política cambial da China potenciaram vários dos aspetos tidos como coeficientes do método de cálculo de poder nacional abrangente apresentado. De uma forma direta, *Economic activities capability*, *Foreign economic activities capability*, *Government regulation and control capability* e *Foreign affairs capability*, são afetados de forma positiva e à luz da discussão de parágrafos anteriores estes não são os únicos.

A política cambial da China tem um forte impacto e provou um substancial aumento no seu poder nacional abrangente.

A China projetou-se para o primeiro plano do mapa geopolítico suportada, em grande parte, pela sua política cambial. O *financial warfare* da China está a cumprir o seu papel no conceito que é a Guerra Total? Analisando os dividendos recolhidos pela China a resposta é sim. Do ponto de vista militar a China beneficiou da sua política cambial.

Capítulo 5. Conclusões

Desde 1978 e da liderança de Deng Xiaoping, que a China percorreu um longo percurso. Com um panorama económico que limitava por um lado, mas por outro potenciava o seu crescimento, o país soube aproveitar ao máximo uma política cambial que catalizou as suas interações económicas com o mundo e em particular com os EUA.

Para além destes dividendos comerciais, a China soube também ganhar vantagem no plano estratégico e pressionou essa vantagem de tal modo que se verificou a criação de um novo conceito: "A Guerra dos Câmbios".

"A Guerra dos Câmbios" é uma ideia que não afeta apenas o plano económico, mas toda uma realidade que vai para além dele e quem tem implicações profundas no poder nacional das grandes potências mundiais.

E qual foi o resultado de uma política cambial iniciada há mais de trinta anos? Os EUA mantêm para já o seu papel como maior superpotência mundial, mas a China cresce e aproxima-se tanto do ponto de vista militar, como do ponto de vista económico, confirmando assim o sucesso das suas opções.

E o que reserva o futuro? Shangai tornou-se uma zona de comércio livre, as movimentações e investimento militar no mar da China intensificam-se; serão estes sinais do rumo da China?

O início da segunda década do século XXI apresenta-se como um ponto de viragem e qualquer estudo que pretenda complementar este, deve atender às

alterações de política económica da China, às alterações sociais e geográficas dentro da própria China (a poluição, por exemplo, pode apresentar-se como um fator limitante da sua estratégia de aumento de poder nacional) e à modernização e expansão do seu arsenal.

No final do século XX, a China posicionou-se de modo a competir por um estatuto de potência mundial no século XXI e para compreender a próxima fase da sua escala, torna-se necessário um entendimento de várias áreas, nomeadamente da Economia e da Estratégia.

Referências bibliográficas

Anónimo (2010). *Interview with Dominique Strauss-Kahn by Stern*. [Em linha].

Disponível em:

<http://www.imf.org/external/np/vc/2010/111810.htm> [Acesso em 2012/09/23]

Bank of England. *Quantitative Easing Explained. Putting more money into our economy to boost spending*. 1-85730-114-5. London: Bank of England.

Bassford, Christopher et. al.(2001) *Clausewitz on Strategy* 0-471-41513-8. The Boston Consulting Group

Barrento, António (2010). *Da Estratégia*. Parede: Tribuna

Beattie, Alan & McGregor Richard (2012) *Temperature drops in currency wars for G20*. [Em linha].

Disponível em:

<http://www.ft.com/cms/s/2/e82dfbe0-b718-11e1-bd0e-00144feabdc0.html#axzz27x44sg1K> [Acesso em 2012/09/24]

Bernstein, J. (2011). *China, Where Foreign Owned Companies Go to Die*. [Em linha]

Disponível em:

<http://www.theinsightfultrader.com/china-where-foreign-owned-companies-go-to-die/> [Acesso em 2012/09/23]

Bernstein, Richard, MUNRO, Ross H. (1998). *The Coming Conflict with China*, Vintage Books

Blanchard, Olivier et. al. (2010). *Macroeconomics. A European Perspective*. 978-0-273-72800-9. Harlow: Pearson Education Limited.

Bremmer, Ian & Roubini Nouriel (2011). *A G-Zero World. The New Economic Club Will Produce Conflict, Not Cooperation*. [Em linha].

Disponível em:

<http://www.foreignaffairs.com/articles/67339/ian-bremmer-and-nouriel-roubini/a-g-zero-world> [Acesso em 2012/08/15]

Clausewitz, Carl Von (1997). *Da Guerra*. 140830/6855. Mem Martins: Publicações Europa América

Costa, Luís Filipe Pereira (2011). *Regras para apresentação de trabalhos escritos no ISEG/UTL*. Lisboa: ISEG/UTL

Saint-Exupéry, Antoine (1995) *O Príncipezinho*, 153115/6220. Mem Martins: Publicações Europa América

Galito, Maria Sousa & Silva, Joaquim Ramos (2013) *China's Approach to Economic Diplomacy and Human Rights*, International Journal of Diplomacy and Economy, a publicar

Gosh, Captain P. K. (2009) *The Chinese Concept of Comprehensive National Power: An Overview*, AIR POWER Journal Vol. 4 No. 4 WINTER 2009 (October-December)

Griffith, Samuel B. (2005) *A Arte da Guerra - Sun Tzu*. 978-3-8228-5401-2. China: Regent

Griffith, Samuel B. (1989) *Mao Tse-tung on Guerrilla Warfare*. Washington: United States Marine Corps

Guangrao & Huimin (2011). *Sun Tzu and the art of soft power*. [Em linha].

Disponível em:

<http://www.economist.com/node/21541714> [Acesso em 2012/5/17]

Hardwick, Nicola-Ann (2011). *Is Clausewitz or Sun Tzu more relevant to understanding contemporary war?* [Em linha].

Disponível em:

<http://www.e-ir.info/2011/03/30/is-clausewitz-or-sun-tzu-more-relevant-to-understanding-contemporary-war/> [Acesso em 2012/5/17]

Herberg-Rothe, Andreas (2011) *Clausewitz and Sun Tzu after the neo-cons.* [Em linha].

Disponível em:

http://www.atimes.com/atimes/Global_Economy/MI14Dj01.html [Acesso em 2012/5/17]

Honig, Jan Willem (2012). *The Idea of Total War: From Clausewitz to Ludendorff* [Em linha].

Disponível em:

www.nids.go.jp/english/event/forum/pdf/2011/08.pdf [Acesso em 2012/09/22]

Johnshon, Ian (2013) *China's Great Uprooting: Moving 250 Million Into Cities* [Em linha].

Disponível em:

http://www.nytimes.com/2013/06/16/world/asia/chinas-great-uprooting-moving-250-million-into-cities.html?pagewanted=all&_r=0 [Acesso em 2013/08/22]

Kroeber, Arthur R. (2011). *China's Currency Policy Explained.* [Em linha].

Disponível em:

<http://www.brookings.edu/blogs/up-front/posts/2011/09/07-china-currency-kroeber> [Acesso em 2012/5/17]

Krugman, Paul (2010). *The Renminbi Runaround*. [Em linha]

Disponível em:

<http://www.nytimes.com/2010/06/25/opinion/25krugman.html> [Acesso em 2012/07/14]

Liang, Qiao & Xiangsui, Wang (1999) *Unrestricted Warfare*. Beijing: PLA Literature and Arts Publishing House

Ludendorff, Erich (1935). *Der Totale Krieg*. Munique: Druderei Albert Ebner.

McKinnon, Ronald & Schnabl Gunther (2009). *The Case for Stabilizing China's Exchange rate: Setting the Stage for Fiscal Expansion*. China & World Economy / 1-32, Vol. 17. Os Autores.

Navarro, Peter(2008) *The Coming China Wars*. Pearson Education

Paula, Hugo (2012). *Moody's pode ser a segunda agência a cortar o "rating" da dívida pública dos EUA*. [Em linha]

Disponível em:

http://www.jornaldenegocios.pt/home.php?template=SHOWNEWS_V2&id=577907 [Acesso em 2012/09/22]

Peters, Ralph (2006). *Why Clausewitz had it backward*. [Em linha].

Disponível em:

<http://www.armedforcesjournal.com/2006/07/1817576/>

Peterson Institute for International Economics. *Evolution of China's Exchange Regime in the Reform Era*. [Em linha].

Disponível em:

www.piie.com/publications/chapters_preview/4167/01iie4167.pdf [Acesso em 2012/09/01]

Ribeiro, José Manuel Delgado Félix (2012). *Os Estados Unidos da América, A Globalização e o "Mundo do Pacífico" 1979-2009* Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas Universidade Nova de Lisboa

Rusnak, Karl (2012). *The Consequences of Chinese-Held Debt*. [Em linha]

Disponível em:

<http://economyincrisis.org/content/what-if-china-dumps-our-debt> [Acesso em 2012/09/22]

Sanyal, Sanjeev (2013). *The Random Walk*. London: Deutsche Bank AG

Shaver, David (2011). *Let's think twice before starting a trade war with China* [Em linha].

Disponível em:

<http://postbulletin.com/news/stories/print.php?id=1741349> [Acesso em: 2012/5/17].

Smith, Adam (1776). *Ensaio sobre a Natureza e as causas da Riqueza das Nações*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian

Sull, Donald N. & Wang, Yong (2008) *Sucesso Made in China*. 1ª Ed. Lisboa: Editorial Presença

Truman, Edwin M. (2009). *The IMF and the Global Crisis: Role and Reform*. Tulsa: Peterson Institute for Economics

Tolstoy, Leo (1973). *Guerra e Paz*. Lisboa: Publicações Europa América

Wohlstetter, Albert (1958). *The Delicate Balance of Terror*. Santa Monica: The Rand Corporation

Xiao, Geng & Zhao Haiying (1998). *What Is Special about China's Success in Foreign Trade and Investment? Lessons, Implications and Policy Options*. Hong Kong: School of Economics and Finance University of Hong Kong

Anexo 1

Tabela II: USA's Top Export Destinations, 2011 (\$ billion)

Ranking	País/região	Volume
1	Canadá	281
2	México	198
3	China	104
4	Japão	66
Fonte: OMC (2013)		

Tabela III: China's Top Export Destinations, 2011 (\$ billion)

Ranking	País/região	Volume
1	EUA	325
2	Hong Kong, China	268
3	Japão	148
4	Coreia do Sul	82,9
Fonte: OMC (2013)		

Tabela IV: USA's Top Import Origins, 2011 (\$ billion)

Ranking	País/região	Volume
1	China	417
2	Canadá	375,1
3	México	265
4	Japão	132
Fonte: OMC (2013)		

Tabela V: China's Top Import Origins, 2011 (\$ billion)

Ranking	País/região	Volume
1	Japão	195
2	Coreia do Sul	163
3	Taiwan	125
4	USA	123
Fonte: OMC (2013)		

Country	Reserves (USD billion)	As on	% of world
1. China	2,872.0	31-Dec-12	30.34%
2. Japan	1,193.1	31-Dec-12	10.94%
3. Saudi Arabia	634.8	30-Nov-12	5.83%
4. Russia	473.1	26-Oct-12	4.37%
5. Switzerland	458.7	31-Oct-12	4.22%
6. Taiwan	403.2	31-Dec-12	3.70%
7. Brazil	378.9	15-Jan-13	3.47%
8. South Korea	327.0	31-Dec-12	2.91%
9. Hong Kong	317.3	31-Dec-12	2.38%
10. India	261.1	31-Dec-12	2.39%

Fonte: Bloomberg, Haver Analytics, Deutsche Bank (2013)

HTS#	Commodity description	Volume	% change over 2010
85	Electrical machinery and equipment	98.7	8.7
84	Power generation equipment	94.9	14.7
95	Toys, games, and sports equipment	22.6	-9.4
94	Furniture	20.5	2.7
64	Footwear and parts thereof	16.7	5.1
61	Apparel, knitted or crocheted	15.1	7.4
62	Apparel, not knitted or crocheted	15.0	1.8
39	Plastics and articles thereof	10.9	13.0
73	Iron, steel	8.6	18.0
87	Vehicles, excluding rail	8.1	17.0

Fonte: ITC (2011)